

MEMÓRIA INTERNA X MEMÓRIA DISCURSIVA NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO INDIVÍDUO

Luana ALVES LUTERMAN¹

Agostinho Potenciano de SOUZA²

Resumo: Este artigo possui o objetivo de analisar novas práticas de leitura possíveis a partir do século XXI, época histórica em que os leitores são convocados ou projetados nos espaços e nos tempos diegéticos para configurarem uma relação identitária com novos objetos sógnicos. O método utilizado é a análise do discurso de linha francesa. São discutidos os conceitos de discurso, formação discursiva, memória discursiva e memória interna. Como resultados, percebo que o contato com livros pop-up pode incitar os sujeitos/indivíduos a participarem empiricamente da narrativa ofertada, como personagens passivos, ou pode sugerir a projeção dos sujeitos nas inscrições diegéticas, de modo que a diegese se torne ainda mais real, mais verossímil, com maior impacto quanto ao efeito de verdade. Considero que a intericonicidade, partícipe desse processo, não é apenas a ativação de uma memória discursiva, porque alia também a memória interna do indivíduo, seja ela imaginada ou real. Daí identidades fluidas, fragmentadas, flutuantes, na pós-modernidade, que não são as mesmas para todos os indivíduos: a memória discursiva funciona a partir da memória interna, esta delineada pelas informações adquiridas por meio do acesso específico de relações discursivas, que têm como base um arquivo empírico.

Palavras-Chave: Discurso. Memória. Sujeito. Indivíduo.

Título em inglês

Reading of pop-up books: a proposal empirical analysis-discursive

Abstract: This article has the objective of analyzing possible new practices of reading from the twenty-first century, historical era in which readers are invited or projected in the diegetic space and in time to shape a relationship of identity with new objects of meaning. The method used is discourse analysis of the french line. I discuss the concepts of discourse, discursive formation, discursive memory and internal memory. As a result, I understand that contact

¹ Aluna do curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (Área de concentração: Linguística; Linha de pesquisa: Análise do Discurso) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil. Endereço eletrônico: luanaluterman@yahoo.com.br

² Orientador vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (Área de concentração: Linguística; Linha de pesquisa: Análise do Discurso) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil. Endereço eletrônico: apotenciano@uol.com.br
Modalidade do trabalho: comunicação oral no Língua Portuguesa e Literatura Brasileira.

with pop-up books may encourage subjects / individuals participate in the narrative offered empirically as passive characters, or may suggest the projection of the subjects in the inscriptions diegetic, so that the narration becomes more real, more likely, with the greatest impact on the effect of truth. I believe that the intericonicity, a participant in this process, is not only the activation of a discursive memory, because it also combines the internal memory of the individual, whether imagined or real. Hence, fluid identities, fragmented, floating, in postmodernity, which are not the same for all individuals: a discursive memory operates from the internal memory, it outlined the information acquired through access to specific discourse relations, which are an empirical base file.

Keywords: Discourse. Memory. Subject. Individual.

Neste artigo, analiso novas disposições espaciais de livros. O recurso denominado pop-up, no design de livros, é uma técnica que propicia efeitos de profundidade, por meio da tridimensionalidade. A justificativa de escolha deste *corpus* de pesquisa se fundamenta pelos seguintes aspectos:

(1) O impacto das novas configurações das práticas de leitura acarretou mudanças sociais nas concepções sobre parâmetros antes sistemáticos e unilaterais de leitura: os livros, revistas e jornais impressos demandam um aspecto físico de leitura limitado à decodificação realizada da esquerda para a direita, de cima para baixo, para que haja sentido (SOARES, 2002);

(2) Os livros pop-up estimulam leituras que não obrigam a convenção estipulada pelos impressos: o leitor possui liberdade na ordenação do que decide ler – a organização é convencionalizada por ele mesmo;

(3) O gosto pelas imagens tornou ímpar a condição de produção da leitura: apesar de o livro pop-up propiciar maior liberdade, possui arbitrariedades e contratos que não permitem qualquer leitura.

Os enunciados verbo-visuais, unidades mínimas de análise do discurso possibilitado pelos livros pop-up, serão investigados a partir do viés metodológico francês, especialmente pelas referências epistemológicas de Pêcheux, Foucault e Courtine (e também pela Análise do Discurso considerada de perspectiva pragmaticista, como Maingueneau, e a denominada de base histórica, pelo viés de Malidier e Guilhaumou). Algumas concepções teóricas de Volochinov (Bakhtin) também engendrarão os estudos do *corpus*.

Serão investigados, empiricamente, os livros pop-up *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll (história adaptada por Robert Sabuda, 2010) e *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry (tradução de Dom Marcos Barbosa, 2009).

A metodologia análise do discurso de linha francesa

Os enunciados verbo-visuais inscritos nos livros pop-up, se fossem destacados da disposição física em que se disponibilizam e sofressem um estudo isolado, fraseológico, sem a consideração da materialidade em que se revelam, não seriam pesquisados por meio das relações contextuais que permitem suas existências. Além disso, não seriam investigados pelo aspecto de como puderam ser concretizados, numa historicidade específica; os variados efeitos de sentidos de um mesmo enunciado verbo-visual também não poderiam ser explicados. O visível e o dizível produzem verdades, devido à disciplina do olhar, evidência que é produzida no contexto sócio-histórico do século XX, mas especialmente no século XXI. Esse jogo visual convoca mais sentidos que a oferecida pela materialidade textual. Daí a pobreza do enunciado, que não traduz todas as interpretações possíveis em relação a um objeto sógnico visual. É o que percebo pelo enunciado verbo-visual do livro *Um passeio de cavalinho*.

Figura 1: capa do livro pop-up *Um passeio de cavalinho*, baseado em canções populares russas. Disponível em: < <http://garfadasonline.blogspot.com/>>. Acesso em: 08 mar. 2011.

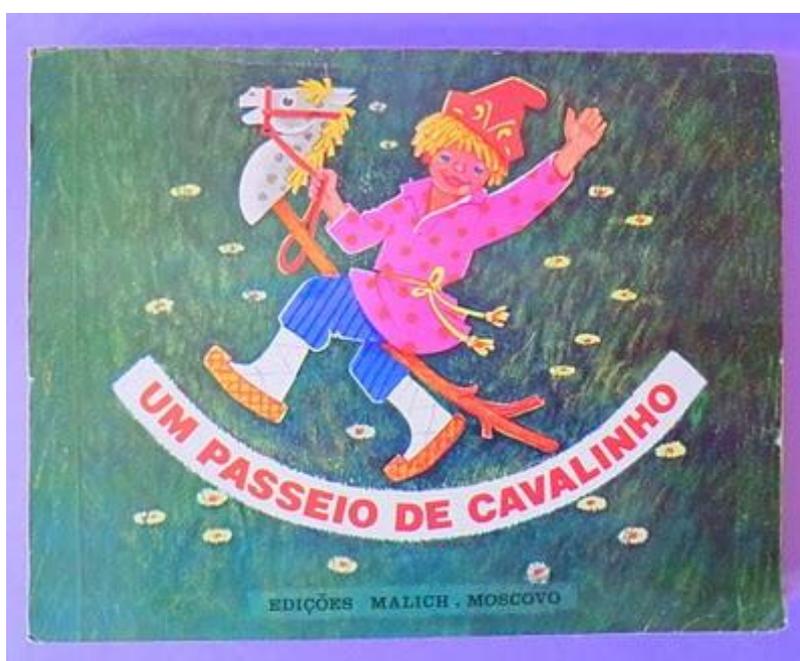


Figura 2: enunciado verbo-visual do livro *Um passeio de cavalinho*, que apresenta um trecho da diegese de modo tridimensional. Disponível em: < <http://garfadasonline.blogspot.com/>>. Acesso em: 08 mar. 2011.



A tendência francesa da Análise do Discurso surge a partir do questionamento sobre o estruturalismo dos anos 1960; a materialização textual e o contexto da (re)produção de um discurso são unidades de análise essenciais para verificar de que forma acontecem as singularidades textuais e, desse modo, as complexidades enunciativas: “O conceito básico para a AD é o de *condições de produção*. Essas condições de produção caracterizam o discurso, o constituem como tal e são objeto da análise” (Orlandi, 1996, p. 110, grifo da autora).

A Análise de Discurso (AD) une três campos científicos: a linguística, o marxismo e a psicanálise. O desenvolvimento, portanto, da AD, constitui-se de modo interdisciplinar. Portanto, a constituição da AD como disciplina envolve estudos sobre o discurso, a ideologia e o sujeito.

Discurso e formação discursiva

O conceito de discurso, para Foucault, é

um conjunto de enunciados na medida em que se apóiem na mesma formação discursiva [...]. Ele é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência (FOUCAULT, 2005, p. 20).

Para Foucault (1996), existem relações de poder, sem causas e efeitos determinados por posições ideológicas, em uma arena configurada por lutas de poder. Os valores estão presos aos enunciados, que são historicamente constituídos. O processo de realização dos enunciados, que é a enunciação, é trabalho de elaboração. Não há criatividade plena na enunciação porque os enunciados estão dados e nos constituem. É uma trama de significados que constrói o período histórico.

Discursos, então, são práticas, e não representações. Os documentos não são interpretativos e, por isso, possuem base científica, epistemológica. As formações discursivas apoiam-se na *episteme*.

Há quatro hipóteses formuladas por Foucault (2005) que são favoráveis à definição das formações discursivas, a partir do estudo das relações entre enunciados materializados um contexto histórico específico. A primeira hipótese é a de que os enunciados manifestam-se de maneiras diferentes e estão dispersos no tempo, mas formam uma unidade, um conjunto, quando se remetem a um mesmo objeto. A diferença existente nesse conjunto de enunciados e a análise relativa à diferença entre eles descrevem a dispersão desses objetos, mas ao mesmo tempo metrifica as distâncias que separam esses objetos.

A segunda é a de que os enunciados heterogêneos e dispersos necessitam de ser analisados, de modo que haja a individualização deles. Além disso, é preciso saber a ligação entre esses enunciados, seja de inclusão ou de exclusão, assim como as ocorrências de substituição deles e a partir de quais transformações.

A terceira hipótese se fundamenta na ideia de que os enunciados formam uma lógica, uma coerência que possibilita o agrupamento deles.

Por fim, a quarta e última hipótese se refere à identidade dos temas. A recorrência possibilita o agrupamento dos enunciados e a descrição deles. Foucault (2005, p.43) conclui:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, um sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva.

A partir das formulações das quatro hipóteses de Foucault, em sua fase arqueológica, posso delinear o aparecimento dos livros pop-up. Pela primeira hipótese, percebo que enunciados podem ser publicados por meio da tridimensionalidade: apesar de dispersos, este modo de configurar o material enunciativo estabelece uma regularidade, forma uma unidade de sentido possibilitada por condições históricas de produção. O recurso da tridimensionalidade recebe, no século XXI, um destaque verificável pelas práticas discursivas, em que são inerentes as possibilidades historicamente construídas.

A segunda hipótese permite selecionar os enunciados verbo-visuais dispersos numa mesma época: há uma conexão entre eles, apesar de não se manifestarem já organizados no tempo e no espaço, quando se manifestam pela tridimensionalidade, como em outdoors em realidade aumentada e em livros pop-up; mas pode haver exclusões, quando os enunciados verbo-visuais sofrem analogias relativas a materialidades que não envolvem recursos visuais tridimensionais. É a individualização dos enunciados verbo-visuais o fator que evidencia as transformações históricas que permitiram a existência dessa nova configuração enunciativa verbo-visual, numa época particular (século XXI).

A terceira hipótese possibilita a percepção de um encadeamento lógico entre os enunciados verbo-visuais disponíveis pela tridimensionalidade. Essa organização proporciona uma coerência, um sentido que explica as condições históricas de existência deles.

A quarta hipótese se refere à regularidade enunciativa, à identidade dos temas. Os livros pop-up retratam temas infantis; possuem caráter didático e estimulam a leitura, devido à disposição espacial, que atrai a atenção. Apesar de os temas de cada livro apresentarem diegeses diversas, as características gerais dos enunciados verbo-visuais que irrompem desses objetos sígnicos culturais são semelhantes. Por isso, os enunciados verbo-visuais característicos dos livros pop-up fazem parte da formação discursiva educacional, mas também são atravessados por outros discursos que permitem a existência dessas materialidades tridimensionais: a formação discursiva da tecnologia. Apesar de os livros pop-up serem confeccionados a mão, a tecnologia de engrandecimento, ao fazer histórias que

saltam aos olhos, remete a um gosto pelo imagético, pelo hiperbólico acesso às imagens. Cada livro possui uma temática, que também se relaciona a redes enunciativas específicas, a partir de como são elaborados os enunciados verbo-visuais.

Haroche, Henry e Pêcheux (2007, p.26) possibilitam a introdução do conceito de formação discursiva na Análise de Discurso ao reformular o conceito de Foucault. No entanto, o conceito de formação discursiva, para Haroche, Henry e Pêcheux, ainda está atrelado ao conceito marxista de Althusser. As formações discursivas são consideradas “assujeitamento” e “interpelação” do sujeito porque advêm das formações ideológicas, que o permeiam e determinam as posições do sujeito num período histórico específico (ORLANDI, 1999). Dessa maneira, as condições de produção dos discursos são delimitadas; os lugares sociais são fabricados historicamente, de modo que os sujeitos sofrem interpelações sócio-históricas para a ocorrência do processo enunciativo. Pela perspectiva pecheutiana, a formação discursiva a que pertencem os livros pop-up são interpelações que assolam os leitores e os tornam vulneráveis ao gosto pela leitura imagética que salta aos olhos.

Para Charaudeau e Maingueneau (2006, p. 241), formação discursiva é “todo conjunto de enunciados sócio-historicamente circunscrito que pode relacionar-se a uma identidade enunciativa, como o discurso comunista [etc.] [...]”. Maingueneau (2008) apropria-se do conceito de discurso teorizado por Foucault (2005) para definir superfície discursiva, que é, então, uma série de enunciados regulares formados a partir de uma formação discursiva específica. O conceito de discurso, para Maingueneau (ID.), é a relação entre a superfície discursiva e a formação discursiva: discurso feminista, discurso futebolístico e discurso político são exemplos, ou seja, discurso é condição de enunciabilidade. A formação discursiva, portanto, delimita as possibilidades de materialização do discurso. É na cena enunciativa que se mostra a posição-sujeito mobilizada para cada lugar social assumido, ou seja, na interação imediata entre os interlocutores, que enunciam seus discursos ancorados por formações discursivas específicas da situação dialógica.

A cena enunciativa é constituída por um universo discursivo (conjunto de enunciados de uma determinada época, ou o arquivo efetivamente dito); um campo discursivo (o que é dito por um determinado tema, ou o diálogo entre as formações discursivas em um mesmo campo); um espaço discursivo (é nele que se instaura o campo discursivo; aqui é estabelecido com quais outras formações discursivas há diálogo). As formações discursivas são vistas num mesmo campo discursivo: as polêmicas ocorrem intracampos, entre diferentes formações

discursivas. As polêmicas não são necessariamente relações de confronto, mas podem ser também relações de aliança entre o eu e o outro.

Formação discursiva e constituição dos sujeitos

Utilizarei a interface entre os conceitos de Charaudeau e Maingueneau (2006) e, por sua vez, de Foucault (2005), que afirmam a formação discursiva como enunciados inscritos numa determinada contextualização sócio-histórica. A formação discursiva permite a materialização de certos enunciados, e não outros: a dispersão de enunciados sobre um mesmo objeto provoca também uma regularidade. Ocorre, sim, a interpelação dos sujeitos, mas não de modo violento, capaz de assujeitar e tornar plenamente inconscientes os indivíduos (AD-3). A consciência é formada pelo processo de esquecimento da origem das palavras dos outros, que são, primeiramente, palavras alheias, depois, tornam-se palavras próprias-alheias e, no esquecimento das origens discursivas, palavras próprias (BAKHTIN, 1992). Com isso, o sujeito torna-se heterogêneo (GERALDI, 1996):

Este é um sujeito constitutivamente heterogêneo, de uma incompletude fundante que mobiliza o desejo de completude, aproximando-o do outro, também incompletude por definição, com esperança de encontrar a fonte restauradora da totalidade nunca alcançada, construindo-se nas relações sociais, entendidas estas como espaço de imposições, confrontos, desejos, paixões, retornos, imaginação e construções.

Em *As palavras e as coisas*, de 1966, Foucault explica que o valor dos enunciados não está na coisa, na essência, e sim nas relações enunciativas que os sujeitos fazem a partir de suas posições. Para Foucault, não está no sujeito empírico, ou no indivíduo imanente, corpo falante, a explicação sobre o enunciado. Quem diz não importa: o lugar social e a posição assumida são as condições de produção dos discursos, objetos de pesquisa que justificam os sentidos assumidos pelos enunciados em situações, contextos e historicidade específicos.

[...] Parece-me que essa forma de análise, tradicional no marxismo universitário da França e da Europa, apresenta um defeito muito grave: o de supor, no fundo, que o sujeito humano, o sujeito de conhecimento, as próprias formas do conhecimento são de certo modo dados previamente e que as condições econômicas, sociais e políticas da existência não fazem mais do que depositar-se ou imprimir-se neste sujeito definitivamente dado (FOUCAULT, 1996, p.8).

Os enunciados não são fontes do dizer dos sujeitos, não nascem com os sujeitos. O acontecimento não provém de um encadeamento causal porque nem toda situação histórica engendra obrigatoriamente um evento discursivo. Os acontecimentos não são dados previamente; são históricos. Eles possibilitam a cristalização de objetos culturais. Há itinerários perscrutados pelos sujeitos ao produzirem seus enunciados, que não são previamente dados. Esses percursos dos sujeitos, que são as condições de produção dos discursos, são práticas discursivas:

O que se chama “prática discursiva” pode ser agora precisado. Não podemos confundi-la com a operação expressiva pela qual um indivíduo formula uma ideia, um desejo, uma imagem; [...] nem com a “competência” de um sujeito falante, quando constrói frases gramaticais; é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas em um indivíduo no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 2005, p. 133).

O sujeito do dizer é especificado por uma rede de enunciados, múltiplas possibilidades de materialidade que não engessam os discursos: o a priori histórico determina regras de formação que não são estáticas; são fluidas, ao oferecer possibilidades para a existência heterogênea de enunciados efetivamente ditos. Como o processo de enunciação é alterado, os enunciados são singulares, únicos em suas materializações; daí a “lei da raridade”: “[...] cada enunciado ocupa um lugar que só a ele pertence” (IBID., p.135).

A alteridade e o contexto sócio-histórico definem lugares sociais, que não permitem ao sujeito uma plena autonomia discursiva. A língua também restringe ao sujeito a autenticidade no funcionamento discursivo, porque reflete uma cultura, por meio da qual uma série de determinações compõe o processo de elaboração intradiscursiva de cada sujeito (GERALDI, 1996).

Guilhaumou e Maldidier (1997) preconizam que não há uma única posição discursiva. O sujeito não enuncia por um único posicionamento; ele transita por diversas posições, ao se deslocar no interior do discurso. Não há uma fixação de um lugar social, porque as posições assumidas pelo sujeito podem ser contraditórias. A posição não se relaciona a um sujeito empírico. A posição do sujeito é regulada pelo arquivo, que disponibiliza dispositivos de análise criados a partir de necessidades específicas de interpretação. Para Guilhaumou e Maldidier, o arquivo é uma prática que irrompe uma série de enunciados como se fossem acontecimentos regulares, oferecidos à manipulação. A concretização de um enunciado deve ser investigada em sua totalidade: o acontecimento, ou seja, o fato linguístico que retorna

discursivamente (POSSENTI, 2009) não deve ser estudado apenas como pertencente a uma determinada série, como concebe Pêcheux, mas em diferentes materialidades, a respeito do mesmo evento.

Os enunciados verbo-visuais, portanto, demandam análise de seus aparecimentos não apenas em livros pop-up, mas também interdiscursivamente, ou seja, nas relações com outros discursos que mobilizam a composição de textos com tridimensionalidade, objetos sógnicos como outdoors, filmes em 3D, cartões (correspondência pessoal) e ímãs de geladeira com 3D.

Figura3: ímã de geladeira em 3D (publicidade colhida em jan. 2011).



Figura 4: publicidade do filme Harry Potter (2009). Disponível em: <http://www.rostinhosbonitos.com/2009/10/os-30-outdoors-mais-criativos-do-mundo.html>. Acesso em: 01 set. 2010. Publicado em 2009.



Figura 5: Cartão pop-up (correspondência pessoal). Disponível em: <http://smuzi.com.br/makingof/cartoes-pop-up-para-o-final-de-ano/>. Acesso em: 09 mar. 2011. Publicado em 2010.



Em torno do acontecimento da irrupção de enunciados verbo-visuais, o arquivo pode ser recuperado a partir de discursos econômicos, tecnológicos, políticos, que fizeram emergir novos objetos sógnicos, que sugerem imagens em movimento. É o acontecimento que engendra o sentido dos enunciados verbo-visuais numa nova ordem do discurso.

As práticas e modos de leitura nos séculos XX/XXI instituíram-se no rol de interesse social, a partir do surgimento de uma profusão de objetos culturais munidos de recursos visuais e sonoros avançados, que apresentam o desafio da interpretação, ou seja, da atribuição de sentidos.

As novas práticas de leitura

A inscrição do corpo como objeto de interação nas atividades diegéticas era algo que as novas concepções de leitura não abarcavam. A experiência de narrar implica instaurar o corpo, empiricamente, dedicação que incita a *persona* e as máscaras próprias da encenação, a partir de uma suspensão do “eu” para incorporar o enredo de uma história. Ouvir também é um ato singular nessas comunidades narratológicas, porque também estimula a doação do “eu” à experiência do relato oral (SIBILIA, 2008).

Nos séculos XIX e XX, o afastamento do corpo-voz na incursão da narrativa cede espaço à leitura individual, reflexo da formação da burguesia durante o capitalismo e a revolução industrial. O ambiente doméstico estimulava a reclusão em locais privados, reservados à leitura e à escrita. A inscrição do corpo-voz na atividade narrativa foi substituída pelo modo de ler solitário, afastado da coletividade, sem a inscrição do corpo holístico no gesto autorial, performático.

A leitura tornou-se, depois de três séculos, um gesto do olho. Ela não é mais acompanhada, como antes, pelo rumor de uma articulação vocal, nem pelo movimento de manducação muscular. Ler sem pronunciar em voz alta ou à meia-voz é uma experiência “moderna”, desconhecida durante milênios. Antigamente, o leitor [...] fazia de sua voz o corpo do outro; ele era, ao mesmo tempo, autor. Hoje o texto não impõe o seu ritmo ao indivíduo, ele não se manifesta mais pela voz do leitor. Essa suspensão do emprego do corpo, condição de sua autonomia, equivale a um distanciamento do texto. Ela é o *habeas corpus* do leitor (DE CERTEAU, p. 253-254, 1994).

É a partir do século XVIII que os quartos se tornam necessidades individuais, ambientes de intimidade, confortáveis e silenciosos, propícios às atividades individuais. Assim, a subjetividade poderia se manifestar, especialmente na escritura de cartas e diários, numa atividade de reconhecimento de si. Tais escritos poderiam manter-se no âmbito da privacidade ou ser remetidas a um destinatário específico, sem publicação alcançada por um vasto número de leitores (IBID.).

Essa nova condição histórica retira do corpo a modelagem da narrativa, que, antes, nos relatos orais, revelava a forma criada por quem a assumia, por meio do uso do corpo, empiricamente, em gestos, olhares, entonações vocálicas; enfim, a interpretação ou a “cor” da narrativa era imprimida pela *persona*, capaz de representar, subjetivamente, o modo da condução narrativa.

Há uma inscrição do corpo, ainda que passiva, no século XXI. No estágio inicial, momento de contemplação do livro pop-up, o sujeito volta a ser incitado à interação, ainda que visual, “do olho”, mas com a diferença de este corpo, empírico, participar como personagem real na virtualidade composta pela cena enunciativa³. Não há uma leitura vocal, mas não há distanciamento do leitor em relação ao objeto sígnico, porque o leitor também participa do enredo sugerido pela narrativa, ora lendo palavras, ora observando, por meio do olho, as formas das imagens em pop-up: se há nova enunciação, há novo texto, ainda que ele não seja publicado ou verbalizado pelo autor. Há a formação de um novo enunciado verbo-visual e, por conseguinte, de um novo texto, quando o sujeito ou o indivíduo realiza relações com outras imagens, textos.

Ocorre a convocação do leitor como partícipe do cenário estipulado pelo livro pop-up. Mesmo que haja o apagamento da postura oral de narrar, o retorno do corpo na atividade leitora acontece como tentativa de aproximar o leitor do objeto sígnico, para que a sensação seja de aproximação, de participação do corpo nas ilustrações da obra tridimensional. É essa a característica que marca a regularidade na confecção de livros pop-up que envolvem o leitor e o convocam para participar da cena enunciativa: há um momento (cronografia) e um lugar

³ “Ao falar de cena da enunciação, acentua-se o fato de que a enunciação acontece em um espaço instituído, definido pelo gênero de discurso, mas também sobre a dimensão construtiva do discurso, que instaura seu próprio espaço de enunciação. [...] A cenografia é, assim, ao mesmo tempo, aquilo de onde vem o discurso e aquilo que esse discurso engendra; ela legitima um enunciado que, em troca, deve legitimá-la. [...] Além de uma figura de enunciator e uma figura correlativa de co-enunciador, a cenografia implica uma cronografia (um momento) e uma topografia (um lugar) das quais o discurso deve surgir” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p.95-96).

preparados para a atualização da enunciação, nesse espaço pré-configurado, um gênero do discurso específico⁴. É como se o ambiente virtual e o real se integrassem para a constituição dessa narrativa, convertida em real, nesse novo processo de enunciação, que se institui a cada ressignificação do mesmo enunciado, materializado pela cena da enunciação, por cada novo actante, ou sujeito partícipe da narrativa, ainda que este seja conduzido a essa participação diegética.

A autora como leitora de livros pop-up

Sem a utilização de entrevistas com sujeitos que leram livros pop-up, e sem a pretensão de traçar um percurso temático que gere um horizonte de expectativas interpretativas em torno de um acontecimento discursivo em relação a uma rede de enunciados intra e interdiscursivos, para comparação com outras leituras, arrisco-me a ler, sumariamente, dois livros pop-up: *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll (adaptado por Robert Sabuda, 2010) e *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry (traduzido por Dom Marcos Noronha, 2009).

De acordo com McKenzie (p.20, 1986), “novos leitores criam textos novos, cujas significações dependem diretamente de suas novas formas”.

A linearidade convencional deixa de ser exigida e as escolhas interpretativas são caracterizadas por maior liberdade, porque a configuração espacial dos livros pop-up permite menor rigidez estrutural no ato de leitura.

Estamos chegando à forma de leitura e escrita mais próxima do nosso próprio esquema mental: assim como pensamos [...] sem limites para a imaginação a cada novo sentido dado a uma palavra, também navegamos nas múltiplas vias que o novo texto nos abre, não mais em páginas, mas em dimensões superpostas que se interpenetram e que podemos compor e recompor a cada leitura (RAMAL, 2002, p.84).

É com essa vontade de liberdade, apesar de conhecer minha ilusão de plenitude subjetiva, como diria Pêcheux, que arrisco a escrever minhas leituras. Desejo demonstrar a importância do leitor empírico, ainda que entremeado por discursos que o constituem sócio-

⁴ Cada esfera de atividade humana elabora tipos relativamente estáveis de enunciados por meio da língua, o que Bakhtin (1992) denomina gêneros do discurso. Cada esfera da atividade humana desenvolve-se de modo inexorável e, por essa razão, a variedade dos gêneros do discurso é infinita.

historicamente: as interpretações são diversas, devido aos diferentes posicionamentos dos sujeitos, mas também em razão da memória interna, individual (COURTINE, 2005), que não é a mesma em todos os que empreendem os processos de leitura.

Assim como todo enunciado se inscreve numa formação discursiva, toda imagem se inter-relaciona com outras já materializadas, por meio, também, de uma memória discursivo-visual: “Toda imagem se inscreve em uma cultura visual e essa cultura visual supõe a existência para o indivíduo de uma memória visual ou uma memória das imagens” (COURTINE, 2005).

Porém, essa memória não é apenas discursiva (determinada pelas condições de produção dos discursos e pela historicidade em que se vinculam os sujeitos); é uma memória referente também às lembranças do indivíduo, às imagens arquivadas por ele, ou imaginadas (imagens internas) ou efetivamente visualizadas (imagens externas).

Se a intericonicidade (IBID.) sugere o apoio das imagens imaginadas (internas ao indivíduo), essa inter-relação imagética pressupõe uma filiação do conceito intericonicidade a uma posição antropológica, que não desconsidera o conjunto de imagens armazenadas na memória de cada indivíduo, sejam elas produtos de sonhos, imaginações. O indivíduo, assim, é, além de tradutor, intérprete da imagem.

A intericonicidade considera as imagens externas e internas ao indivíduo ou ao sujeito, e conduz as relações com outras imagens. O corpo é convocado, empiricamente, no estabelecimento de inter-relações imagéticas: há um enfoque relacionado ao indivíduo, ao selecionar as imagens internas à sua memória pessoal, mas também uma relação com imagens exteriores visualizadas e relacionadas à memória discursiva do sujeito (ao relacionarmos uma imagem a uma série de outras imagens, ou seja, a regularidade imagética, mesmo em meio à dispersão). Se é a memória interna que conduz a operacionalidade dos enunciados verbo-visuais de livros pop-up, ainda assim não há retorno a um sujeito central, fixo, lógico, cartesiano; ainda que as relações interdiscursivas ocorram por meio de uma memória interna, armazenada empiricamente, é a condição sócio-histórica que produz os sentidos, pela memória discursiva de uma nova ordem do discurso, intericônica.

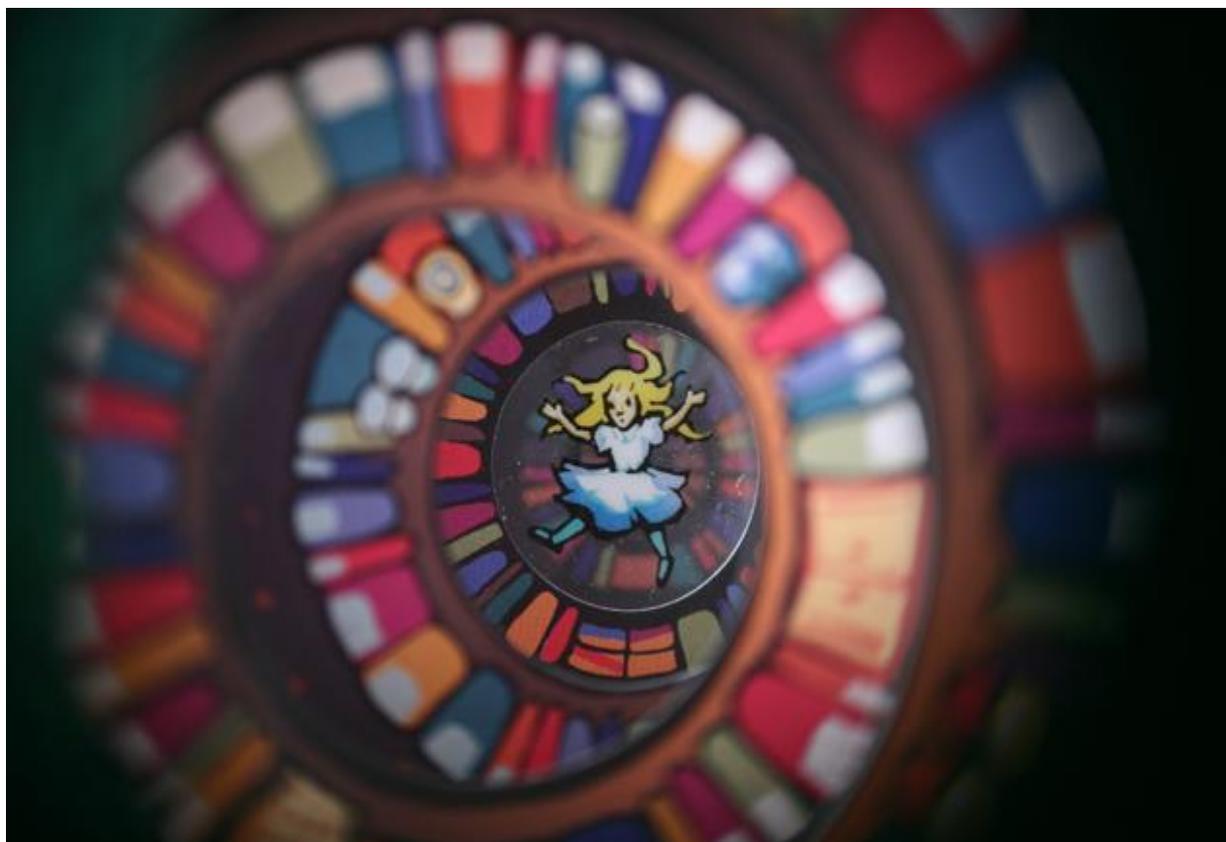
Alice clivada no país das maravilhas

Alice no país das maravilhas permeia a imaginação infantil - é uma obra bastante explorada durante o processo de escolarização. Entretanto, na adaptação para o cinema, sofreu

modificações na fábula (história). O tema adulto intriga, no filme *Alice no país das maravilhas*, dirigido por Tim Burton (2010). As aventuras de Alice se iniciam devido a uma inadequação ao mundo real, entediante; Alice está indecisa quanto ao convite de casamento e, quando seu noivo conversa com ela a respeito do matrimônio, a personagem corre, foge do cotidiano, quando um coelho falante a chama. De repente, Alice cai num buraco aberto num jardim.

O livro constrói um dispositivo de papel, um círculo espiralado que, ao ser puxado pelo leitor, provoca a sensação real da queda de Alice. Visto por cima, conforme a instrução oferecida pelo próprio livro (“abra-me” e, após puxar uma tira de papel, há as seguintes orientações: “puxe para cima” e “olhe para dentro do buraco”), o buraco revela o aspecto da figura.

Figura 6: instante em que Alice, atraída pelo coelho falante, cai no buraco, em direção a um universo fantástico (CARROLL, 2010).



Esta situação da trama é a que mais me atrai, intradiscursivamente, porque Alice suspende a dor da dúvida que a acomete, ao inscrever seu corpo em outra circunstância.

Embora a dor da angústia por ter abandonado o noivo e toda a família durante a festa de noivado, Alice se distrai ao mergulhar nas profundezas (que aludem ao seu próprio inconsciente) de um universo paralelo, escamoteado. Lá, inclusive, ela faz amizade com o Chapeleiro Maluco, que participa, juntamente com o Gato, da aventura diegética durante os litígios entre as rainhas do bem e do mal.

Porém, ao ler o livro pop-up, a obra infantil adaptada por Robert Sabuda não conta a história de Alice entediada pela dúvida quanto a um casamento; no livro, “Alice estava cansada de ficar sentada ao lado da irmã à beira do riacho, sem nada para fazer” (p.1). O primeiro parágrafo da obra já explica o gosto contemporâneo das crianças em relação às imagens, discurso formulado pela história, pela formação discursivo-ideológica e pelo sujeito – Alice estava entediada porque “ela tinha dado uma espiada ou duas no livro que a irmã estava lendo, mas não havia ilustrações nem diálogos. ‘Para que serve um livro’, pensou Alice, ‘sem figuras e falas?’. O coelho falante surgiu quando ela refletia sobre isso. Alice corre atrás dele e entra na toca, juntamente com o coelho. Portanto, no livro pop-up, a história é um pouco diferente do filme adaptado por Tim Burton, pois cria uma ligação metalinguística com a proeza do enunciado material que o leitor tem em mãos. Não só há imagens, estas possuem mais um atrativo: são tridimensionais.

Quando vi o círculo espiralado de Robert Sabuda, logo relacionei ao filme de Burton e, pela memória interna, lembrei cenas do filme 3D, que guia o espectador à diegese fílmica. Entrar no buraco, a toca do coelho, pelo filme 3D, é como ser Alice, sentir a angústia de decidir casar ou não. Mas, quando li a adaptação, percebi que o enunciado visual do livro, apesar de corresponder com o do filme, não é semelhante aos enunciados verbais do filme. Maingueneau confirma que

o interdiscurso tem precedência sobre o discurso. Isso significa propor que a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos (2005, p. 21).

Interdiscursivamente, *Alice no país das maravilhas* remete também a *Alice no país da gramática*, obra que conheci integralmente durante a graduação em Letras. A protagonista descobre os mistérios linguísticos a partir de suas aventuras com o coelho falante, o Chapeleiro Maluco e outras personagens da obra de Lewis Carroll. Porém, o enfoque de *Alice no país da gramática* está nos questionamentos e nas descobertas das personagens em relação ao universo da linguagem, fato que instiga a identificação da criança leitora com a obra. Além

disso, também relembro Alice, filme dirigido por Tim Burton, que utiliza a tecnologia 3D para tornar ainda mais reais as aventuras de Alice após cair no buraco e sua aflição quanto ao futuro matrimônio. Tais intertextualidades são regradas, de acordo com sua segunda hipótese (IBID., p. 22), pois não é aleatória a seleção de textos que dialogam com a obra de Lewis Carroll (a própria adaptação pop-up, de Robert Sabuda, é uma intertextualidade regrada).

Eu não poderia traçar tais impressões se minha memória interna não tivesse um aparato de conhecimento suficiente para delinear a memória discursiva de um sujeito contraditório, Alice, que teme o casamento e foge das convenções sociais, mas ao mesmo tempo deseja ser tradicional e se culpa durante as peripécias no universo paralelo. A protagonista lida com o coelho falante e enfrenta situações fora do real. O momento mágico transforma a narrativa em situações fantásticas. O universo maravilhoso, composto por duas rainhas irmãs, uma boa e outra má, torna-se o cenário da diegese. Apesar de se envolver na intriga entre as irmãs, no filme, Alice se ressentir por ter abandonado sua realidade. O sujeito contraditório Alice é perceptível, seja pelas insinuações sutis do Gato, seja porque conheço o sujeito pós-moderno, clivado, fluido, que não é fixo, homogêneo, central, lógico, cartesiano.

Essa modificação constante de identificação acarreta uma dispersão identitária nos sujeitos, que se redefinem inexoravelmente a cada cena de enunciação (MAINGUENEAU, 2008). A posição-sujeito se modifica em cada lugar social assumido, de modo que não há permanência prolongada e fixa de identidade.

“Líquido-moderna” é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a sua consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. A liquidez da vida e a da sociedade se alimentam e se revigoram mutuamente. A vida líquida, assim como a sociedade líquido-moderna, não pode manter a forma ou permanecer em seu curso por muito tempo (BAUMAN, 2007, p.7).

A sociedade líquido-moderna, partícipe da vida líquida, é marcada por uma mudança rápida nas ações. A reciclagem de costumes e comportamentos é parte do imediatismo exigido pela facilidade de acesso e ausência de fronteiras que a globalização proporciona. Nesse sentido, as identidades não são fixas; estão em inexorável modificação, de acordo com as novas necessidades que reciclam, em um curto prazo de tempo, a cultura.

Alice chega à casa do Coelho Falante, depois de cair na toca. Encontra um líquido em cima da mesa. Ao tomar, cresce tanto que ultrapassa os limites espaciais da casa. O livro pop-

up faz a leitura da leitura de Carroll e, por meio da página tridimensional, traduz Alice superando os limites geográficos da casa.

Figura 7: instante em que Alice cresce, após beber o líquido que estava em cima da mesa, na casa do coelho falante (CARROLL, 2010)



Para Maingueneau (2005), todo discurso é construído com corporalidades e tons, ou seja, os planos discursivos arquitetam as relações interdiscursivas, existentes devido a um sistema de restrições globais (terceira hipótese). A ideia do perigo está presente nesta situação retratada pelo descuido de Alice ao ingerir uma solução líquida, sem saber o efeito do experimento do coelho falante. O hiperenunciador, que produziu um texto pertencente a uma comunidade linguística específica, a partir do lugar social propiciado pela autorização dada pela medicina, irrompeu o enunciado a partir do discurso que funciona como adágio, axioma, verdade absoluta, a respeito do risco de deixar disponível em local propenso ao alcance de crianças produtos nocivos a saúde: “Todo medicamento deve ser mantido fora do alcance das crianças” (este enunciado foi encontrado, *ipsis litteris*, numa bula de remédio).

Essa capacidade de o sujeito reconhecer discursos compatíveis com a formação discursiva a que ele pertence é a competência interdiscursiva, aventada pela quarta hipótese

(MAINGUENEAU, 2005). Esta atitude de reconhecimento não é empírica; é pela memória discursiva que ocorre a interdiscursividade, a autoridade do axioma que resguarda a criança contra atrocidades bioquímicas provocadas pela administração indevida de produtos farmacológicos. Há o atravessamento de outros discursos, como o da proteção de criança, propensa a ações impensadas, respaldada pela formação discursiva jurídica (Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA), médica, além de pedagógica, esta que demonstra o perigo da ingestão de produtos desconhecidos à criança que lê o livro pop-up. Isso comprova uma hipótese de Maingueneau (2005), a de que o discurso é resultado de uma prática discursiva que reconstrói a instituição (neste caso, as instituições jurídicas, médicas, pedagógicas).

Cada enunciado verbo-visual foi analisado a partir de minha memória interna, que realizou relações interdiscursivas por meio da memória discursiva que me compõe, sócio-historicamente, como sujeito contingente de uma situação imediata de produção dos sentidos, sempre permeada de redes enunciativas delineadas por formações discursivas.

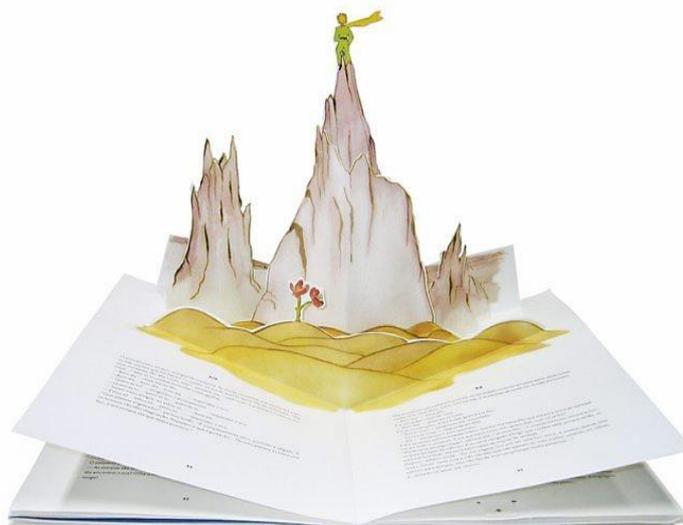
O Pequeno Príncipe peterpanizado

Tentarei traçar aqui uma memória interna que guia minha memória discursiva. Entre a infância e a adolescência, li alguma adaptação da obra de Saint Exupéry, mas o ethos do protagonista não é muito diferente de outro livro que conheci durante a adolescência: *Pollyanna moça*. O jogo do conteúdo, que consiste, neste livro, em apaziguar situações de dificuldade ao notar fatos positivos, que equilibram algo negativo, parece com as frases de efeito proferidas pelo Pequeno Príncipe, em suas reflexões num universo maravilhoso. Neste, elementos da natureza são partícipes da narrativa. De certa forma, pela condição de leituras na contemporaneidade, essa visita à memória das leituras de *Pollyanna* e de *O Pequeno Príncipe* fica contaminada por uma certa ironia ao modo simplista das leituras atuais de aconselhamento. *O Pequeno Príncipe* sempre possui uma frase de otimismo que, interdiscursivamente, também remete a pequenos manuais de autoajuda, como *Minutos de sabedoria*, que se tornou muito famoso por transmitir bons fluidos na contemporaneidade, massacrada pelo individualismo, pela descartabilidade e pelo imediatismo, provocadores de melancolias amenizadas por tais auxílios discursivos. Imagino que o sucesso de *O Pequeno Príncipe* retorna nessa conjuntura histórica: os discursos da solidão, do vazio, apesar de reforçados por um cotidiano individualista, são paradoxalmente refutados por meio dessas

mensagens de conforto, de solidariedade, de companheirismo, de felicidade, como “O que é essencial é invisível aos olhos”.

Meu primeiro contato com um axioma da obra de Saint Exupéry veio de um caderno de recortes com curiosas e estranhas notícias jornalísticas colhidas por meu pai. No fim de uma das páginas, uma letra com cuidadosa caligrafia me surpreendeu pela mensagem entre aspas: “Tu te tornas eternamente responsável pelo que cativas”. Uma tia desconhecida, de sobrenome Tragtenberg e nome de flor, Rosa, assinou. Conheci Exupéry antes do clássico infantil *O Pequeno Príncipe*. Quero dizer que, ao ver o príncipezinho, na capa do livro pop-up, e o nome Saint-Exupéry, minha memória interna remeteu intertextualmente à citação escrita por minha tia russa que não conheci.

Figura 8: cena em que o Pequeno Príncipe imagina que verá todos os homens do planeta, mas avista apenas pedras pontiagudas (SAINT-EXUPÉRY, 2009)



Também penso em *Peter Pan* e sua Terra do Nunca. Esta é fruto da imaginação. A interdiscursividade feita por relações de semelhança entre o modo de condução da narrativa (em ambos os casos, por um protagonista, um garoto) não é obrigatoriamente a mesma para todos os indivíduos. Se a memória discursiva oferta tal possibilidade, a minha memória interna seleciona o enunciado da Terra do Nunca e o associa com *O Pequeno Príncipe*. Mas o massacre da inocência também conduz a minha memória interna a uma clivagem contraditória, ao rememorar a pedofilia, taxonomia discursivizada negativamente na contemporaneidade. Michael Jackson, ícone da música pop estadunidense, tornou real sua própria Neverland (Terra do Nunca), e provocou a confusão entre real e imaginação, ao ser acusado de abusar sexualmente de crianças por meio do oferecimento de agrados materiais.

Então, nem todo fio enunciativo de ambas as obras (*Peter Pan* e *O Pequeno Príncipe*) é emocionalmente positivo.

Pouco recorde sobre a narrativa de *O Pequeno Príncipe*, mas tenho apreço tanto pelo autor quanto pela obra. E lembro-me da ocasião em que tentei ler a obra em francês. Tais eventos são acontecimentos empíricos, porque retornam à minha memória interna, singular a mim; um crítico literário se absteria das fruições estéticas individuais para impor leituras científicas. O fato é que, ainda assim, o estudo minucioso de uma obra, cientificamente, também demanda seleções de trechos da obra. Essas escolhas não são imparciais. As interpretações e o julgamento da relevância de um evento diegético definem uma análise. Por isso, não apenas a memória discursiva participa da constituição subjetiva: o indivíduo deve ser perscrutado para que suas concepções sejam analisadas, para que seja percebida a diferença que baseia a leitura individual.

Considerações finais

A cada processo de enunciação, um enunciado não permanece o mesmo: é atualizado por constantes releituras. Se a ativação dos sentidos ocorre por meio da intericonicidade, que seleciona possibilidades de relações e as torna materializadas em um texto, ainda que individual, não é possível dizer que há uma suspensão do corpo na atividade leitora, porque, empiricamente, o corpo participa da diegese hipoteticamente criada pela função enunciativa exercida pelos designers do livros pop-up. Estes são baseados na memória discursiva, que determina o que pode e deve ser efetivamente dito a respeito dos objetos oferecidos à leitura. Os discursos que compõem os livros pop-up também são resultados de práticas sociais, que constituem sócio-historicamente as situações actanciais.

Durante a operacionalização da leitura, o indivíduo é incitado a perceber a diegese sem o distanciamento de seu corpo. A tridimensionalidade, seja em livros pop-up, em outdoors em realidade aumentada ou em filmes 3D, provocam a aproximação do corpo na instância narrativa. A projeção dos sujeitos nas propostas diegéticas convoca os leitores a serem actantes. Assim, o leitor se torna personagem da história pela submissão do corpo a uma inscrição identitária, o que torna ainda mais viva e verossímil inclusive a ficção. De qualquer modo, a inscrição do sujeito nos percursos narrativos provoca a inscrição do corpo nessas atividades virtuais, que, por simbiose com o real, integra a contingência do indivíduo,

ou do sujeito.

Não se trata de abandonar o sujeito, resultado de percursos históricos; é preciso, sim, acrescentar a fundamental análise desse trajeto percorrido pelo indivíduo, que não adquiriu autonomia reflexiva, não se abstém da História, mas não é autômato, máquina ideológica de Estado, conforme a concepção materialista althusseriana. Os sujeitos comportam traços individuais de assimilação dos discursos, revelados pelos processos de leitura, e estes demandam ser investigados.

Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. Adaptação de Robert Sabuda. Tradução de Cynthia Costa. São Paulo: Publifolha, 2010. (Edição pop-up).
- CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2009.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, P. **Dicionário de análise do discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Intericonicidade**. Entre(vista) com Jean-Jacques Courtine. Entrevistador: Nilton Milanez. Grudiocorpo. Out., 2005. Disponível em: <<http://grudiocorpo.blogspot.com/2009/06/intericonicidade-entrevista-com-jean.html>>. Acesso em: 10 mar. 2011.
- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Ed., 1996.
- _____. **A arqueologia do saber**. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- GADET, F.; HAK, T (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Trad. de Bethania S. Mariani...[et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da História. In: ORLANDI, Eni P. (Org.). **Gestos de Leitura: da História no Discurso**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

HAROCHE, C.; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, Roberto Leiser (Org.). **Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. **Ethos discursivo**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

_____. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.

MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Campinas: Pontes, 2003.

MCKENZIE, D. F. **Bibliography and the sociology of texts**. London: The British Library, 1986.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**. Campinas: Pontes, 1996.

_____. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi (et al.). 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1995.

POSSENTI, Sírio. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

RAMAL, A.C. **Educação na cibercultura: hipertexto, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

SAINT- EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. Tradução de Dom Marcos Noronha. Rio de Janeiro: Agir, 2009. (Edição pop-up).

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**: Campinas, vol.23, n.81, p.143-160, dez. 2002.